

Representações dos Alunos de Enfermagem Sobre a Profissão.

Maria Helena PIMENTEL

Enfermeira Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica

Professora Adjunta da Escola Superior de Enfermagem de Bragança

Introdução

A enfermagem tem ao longo da história percorrido um caminho árduo. Tem vindo a transformar-se e a valorizar-se de uma forma crescente nos últimos tempos, sentindo-se cada vez mais a necessidade de uma identidade própria pela criação de um corpo de conhecimentos específicos.

O desejo de tornar a enfermagem uma profissão autónoma é histórico. Contudo, até aos anos 60 a prática dos cuidados assenta nos valores de ordem moral, que foram interiorizados pela religião e inspirados nas regras conventuais e nos conteúdos profissionais, de carácter técnico, colhidos nas fontes do saber médico (Collière, 1989).

Após os anos 60, e com a influência do Taylorismo, a prática de enfermagem rege-se por critérios de eficácia, segurança e conforto, que vão modificar a prestação de cuidados, dando-se grande ênfase à técnica em detrimento da relação enfermeiro/utente.

Ao acompanharem a evolução dos cuidados, os enfermeiros pretendem libertar-se de uma prática de rotinas hospitalares, tornar a sua actuação reflexiva e autónoma, participando nas políticas de saúde, as quais devem ser perfeitamente ajustadas às necessidades dos utilizadores.

O recente Decreto-Lei nº 104/98, que cria a Ordem dos enfermeiros e aprova o respectivo regulamento profissional, refere: “os enfermeiros constituem actualmente uma comunidade profissional e científica da maior relevância no funcionamento do sistema de saúde e na garantia do acesso da população a cuidados de saúde de qualidade” (p.1739).

Porém, o “papel” do enfermeiro está ainda rodeado de controvérsias. Para muitos o termo enfermeiro é contraditório de autonomia, de papel próprio.

Compreender as concepções que acompanham o desenvolvimento das actuações dos enfermeiros, implica identificar quais as concepções subjacentes à construção da sua identidade profissional, através do conhecimento das suas dinâmicas, tensões, conflitos, representações e transformações.

O perfil do enfermeiro de alguns anos atrás tem vindo a ser repensado. Também, o Ensino de Enfermagem tem vindo a sofrer nos últimos anos significativas alterações, assinaladas, por um lado, pelo progressivo aumento da escolaridade básica obrigatória para o acesso ao Curso, e que veio a culminar na sua integração no Sistema Educativo Nacional, ao nível do Ensino Superior e, por outro lado, pela progressiva reformulação dos planos curriculares, através do alargamento da componente teórica da formação, da introdução de novos campos disciplinares da área das Ciências Sociais, da crescente ênfase atribuída à preparação profissional na promoção para a saúde e à própria filosofia do ser Enfermeiro.

Num contexto de crise de identidade, de mudanças aceleradas na sociedade em geral e no mundo da saúde em particular, a questão de como preparar enfermeiros que, tal como refere Martin (1991:5), “devem ser profissionais de alto nível, competentes tanto do domínio técnico, como do relacional e ético”, é cada vez mais actual.

Construção da Problemática e Finalidade do Estudo

A pesquisa que efectuámos centra-se na formação dos enfermeiros. Pretende por um lado, identificar as representações sociais dos alunos que fizeram a sua opção pelo Curso Superior de Enfermagem, pretende, por outro, identificar em que medida essas representações sofreram alterações com o decorrer do curso.

Pretende-se, ainda, analisar algumas convicções e valores que guiam o ensino de enfermagem.

Questionarmo-nos sobre as representações dos alunos de enfermagem acerca da profissão implica reflectir sobre o carácter funcional das representações sociais, ou seja, sobre a sua contribuição no processo de formação e orientação de condutas e comunicações sociais.

Diz Moscovici que as representações são um contributo essencial às ciências sociais, pois têm, na nossa sociedade, a mesma função que tinha o mito nas sociedades tradicionais. As representações realizam uma função de organização significativa do real. Mas essa função não é independente das funções de explicação, de orientação dos comportamentos, de diferenciação inter-grupal e de criação de identidade social. Este conjunto de funções “evidenciam a forma como elas se edificam nas relações sociais ao mesmo tempo que contribuem para a sua organização” (Vala, 1986:17).

Para Semin (1993) as representações sociais preparam para a acção não porque guiam o comportamento mas porque organizam o meio em que tomam lugar, remodelando-o e constituindo-o, ou seja, porque colocam o comportamento numa rede de relações a que está ligado o seu objecto. Deste modo, como a posição dos grupos face a um objecto pode ser modificada ou evoluir, por causas internas ou externas, também as representações se podem modificar.

A socialização profissional dos enfermeiros é vivida, essencialmente nas escolas e nas instituições de saúde. É no percurso de formação que o aluno se situa quanto às concepções, crenças e valores que organizarão o seu pensamento e a sua acção profissional. Neste sentido, o conceito de representação social, ao permitir articular condicionantes estruturais e a acção dos actores (Benavente, 1990), pode esclarecer como perspectivam os alunos de enfermagem a futura profissão.

Coloca-se assim, a questão central ou questão de partida da nossa investigação:

Como é que os estudantes de enfermagem perspectivam a sua prática futura como enfermeiros, quer quando iniciam o curso, quer no fim do percurso de formação?

Ou de outra forma:

Que representações têm da enfermagem os nossos jovens alunos?

Que factores contribuíram para tais representações?

Qual o impacto do curso na construção dessas representações?

Estarão as escolas de enfermagem preparadas para formar alunos autónomos responsáveis e independentes?

É na tentativa de encontrar resposta para estas questões que o estudo é desenvolvido.

Opções Metodológicas

A POPULAÇÃO objecto de estudo é constituída por alunos do CSE de três Escolas Superiores de Enfermagem do Interior Norte do País.

Um aspecto central dos objectivos deste estudo prende-se, com o interesse em verificar possíveis diferenças, nas concepções acerca da profissão, entre os alunos recém chegados à Escola e aqueles que se encontram a finalizar o curso. Assim, a AMOSTRA inclui a totalidade dos alunos do 1º ano/1º semestre, e os do 3º ano/2º semestre, sendo excluídos os restantes.

Optar pelo estudo longitudinal tornar-se-ia impraticável, pelo tempo que seria necessário para a sua realização. Os condicionalismos temporais relacionados com o prazo de entrega da dissertação do Curso de Mestrado, no qual se insere o estudo, impossibilita tal facto. Neste sentido, e dado existirem grupos de alunos em diferentes momentos do processo ensino-aprendizagem, optámos por seleccionar, de acordo com Ghiglione e Matalon (1993), uma “amostra temporal”. Efectuou-se a recolha de dados aos alunos do 1º ano o mais próximo possível da sua entrada nas referidas escolas (primeiros dois meses); a recolha de dados aos alunos do 3º ano efectuou-se, o mais próximo possível do término do seu curso (últimos três meses). O tamanho da amostra é de 91 alunos do 1º Ano e 82 alunos do 3º Ano.

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de ordem qualitativa/quantitativa. Utilizámos como instrumento de colheita de dados o questionário. Nas questões fechadas utilizámos frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e medidas de dispersão. Nas questões abertas procedeu-se à análise de conteúdo.

Resultados

É possível constatar que é elevado o valor percentual dos alunos que fizeram do curso de enfermagem a sua primeira escolha, assumindo esse valor uma enorme expressividade no grupo do 1º ano (mais de três quartos dos alunos, 83,52%).

Do reduzido número de alunos (16,48% do 1º ano e 30,49% do 3º ano) que declararam não ter sido o curso de enfermagem a sua primeira escolha, o curso de medicina surge como o mais pretendido, em ambos os grupos.

As baixas notas de acesso ao Ensino Superior foram, por sua vez, as razões mais apontadas, como impeditivas da não entrada nos cursos desejados.

Em relação aos motivos que levaram à escolha do curso, as opiniões expressas pelos dois grupos de informantes convergem no número de respostas e na elevada valorização, para dois aspectos fulcrais; o gosto de ajudar pessoas que sofrem (76,92% no 1º ano e 79,27% no 3º) e a motivação pessoal (67,02% no 1º ano e 79,74% no 3º ano).

Os dados obtidos através da análise das diferentes concepções de enfermagem, evidenciam uma maior valorização da concepção psicossocial por parte dos alunos do 3º ano (esta concepção inclui indicadores que salientam a dimensão humana e relacional da profissão). Em contrapartida são os alunos do 1º ano a valorizarem mais a concepção técnico/prática.

A necessidade de vocação para o exercício da profissão é significativamente mais valorizada no grupo do 1º ano (84,62% contra 56,10%).

A concepção identitária tem a ver com a clarificação da identidade dos cuidados. As divergências quanto a esta concepção são notórias. É significativamente maior o número de alunos do 1º ano a atribuírem reconhecimento social à profissão (48,35% contra 21,95%), embora em nenhum dos grupos este reconhecimento atinja os 50%. Ambos os grupos “discordam” de que a enfermagem é uma profissão autónoma. São, no entanto, os alunos do 3º ano a discordarem, de forma mais significativa da dependência do poder médico (37,36% ,1º ano; 51,22% ,3º ano).

Quanto às diversas actuações dos enfermeiros constata-se que é muito elevada a importância atribuída pelos dois grupos às funções autónomas ou independentes. A importância atribuída a estas funções pelos alunos do 3º ano é maior, nomeadamente das funções preventivas, de investigação e de promoção para a saúde. Relativamente às funções interdependentes, a convergência de respostas é enorme. Efectivamente a sua valorização é muito elevada, pelos dois grupos. A importância atribuída às funções de gestão, assessoria e docência é positiva. São no entanto os alunos do 3º ano a valorizarem-nas de forma mais significativa.

A maior valorização das funções autónomas por parte dos alunos do 3º ano, pode significar uma mudança positiva, no sentido de uma revalorização profissional.

Consensuais são as opiniões dos nossos inquiridos no sentido da necessidade de um aprofundamento da vertente humana e relacional na formação dos enfermeiros. Os alunos do 3º ano atribuem maior importância à vertente teórico/científica e menor importância à vertente técnica, apesar de ser a segunda vertente mais valorizada pelos dois grupos.

Trabalhar em complementaridade com os vários elementos da equipa de saúde é para os alunos dos dois grupos o aspecto mais valorizado na prestação de cuidados. Concordantes são ainda as opiniões dos nossos inquiridos no que diz respeito ao ser criativo e inovador, dado que a maioria considera este aspecto medianamente importante, situando as suas respostas no ponto 2 da escala. Divergentes são as opiniões dos dois grupos quanto à importância de ser autónomo na prestação de cuidados. A divergência de opiniões pode significar que a vivência prática dos alunos do 3º ano permite-lhes concluir que para trabalhar em equipa é necessário ter autonomia.

Tabela 1 – Aspectos mais importantes na prestação de cuidados

| ANO CSE \ IMPORTANTE | 1º (n=91) | | | 3º (n=82) | | |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1º | 2º | 3º | 1º | 2º | 3º |
| Ser criativo e inovador | 16 17,58 | 64 70,33 | 11 12,09 | 11 13,41 | 48 58,54 | 23 28,04 |
| Ser autónomo | 7 7,69 | 13 14,29 | 71 78,02 | 51 62,20 | 20 24,39 | 11 13,41 |
| Trabalhar em equipa | 71 78,02 | 12 13,19 | 8 8,79 | 62 75,61 | 12 14,63 | 8 89,75 |

De 1 mais importante a 3 menos importante

A dedicação, seguida do respeito pela pessoa e das capacidades relacionais são, na opinião dos alunos do 1º ano, três atributos e atitudes fundamentais ao enfermeiro. Os alunos do 3º ano valorizam em primeiro lugar a sólida formação teórico/científica, seguida do respeito pela pessoa e da competência/segurança. Os dados assim expressos pelos alunos em final de curso sugerem que, para haver um desempenho profissional competente, aliado ao aspecto relacional e humano que a profissão requer, tem que haver um suporte teórico e científico.

Em termos de aspirações e de expectativas futuras, verificámos por parte dos alunos do 3º ano uma maior identificação com a profissão, fruto da formação teórica que adquiriram ao longo do curso e da experiência que os estágios lhes proporcionaram. Foram, aliás, os estágios (75,61%) as situações de aprendizagem ocorridas durante o percurso formativo que influenciaram significativamente estes alunos

na construção da concepção que actualmente possuem acerca da enfermagem. Atribuem à formação teórica a responsabilidade de promover uma enfermagem ideal e sentem que existe um desajuste entre o que é transmitido no contexto escolar e o que é aplicado nos estágios.

As principais alterações sugeridas pelos mesmos alunos, relativamente à estrutura do plano de estudos, dizem respeito ao currículo escolar. Salienta-se, sobre este aspecto, o carácter intensivo do curso o qual, pela forma como está concebido, é insuficiente, em número de anos, pelo que sugerem um aumento temporal do mesmo (este aumento temporal está contemplado no plano de estudos da licenciatura em enfermagem). Preconizam ainda o aumento do número de aulas teórico/práticas, bem como o alargamento dos períodos de estágio.

Conclusões e Sugestões

As principais conclusões postas em evidencia por este trabalho permitem-nos dizer que é cada vez maior o número de alunos a fazerem do curso de enfermagem a sua primeira escolha, sendo essa escolha motivada por dois sentimentos: o gosto de ajudar os outros e o gosto pessoal pela profissão.

Relativamente ao impacto do curso no que diz respeito à expressão das diferentes concepções de enfermagem constatam-se, entre os alunos dos dois grupos, diferenças que, não sendo muito significativas em termos percentuais, traduzem a nosso ver uma evolução favorável decorrente da formação adquirida. A grande excepção vai para a concepção identitária, que à luz destes resultados continua a ser uma questão problemática e ambígua.

Questionamo-nos por que motivo os alunos de ambos os grupos, e especialmente os do 3º ano, não consideram a enfermagem uma profissão autónoma e reconhecida socialmente, atendendo a que esta imagem emerge, não de uma representação socialmente partilhada, mas de um percurso formativo teórico e prático a que estiveram sujeitos, durante três anos.

Uma reflexão crítica sobre estes dados suscita algumas questões; Estará o actual ensino de enfermagem a cumprir os objectivos a que se propõe? Ou será que os constrangimentos das instituições onde os alunos desenvolvem a sua formação prática continua a condicionar a concretização desses mesmos objectivos? E, se isso acontece, por que motivo as Escolas não são capazes de estabelecer um modelo de coerência entre o que preconizam em sala de aula e o que aplicam nos estágios?

O facto de encerrarmos esta pesquisa com algumas dúvidas permite-nos fazer algumas sugestões que julgamos pertinentes.

Defendemos a construção de programas formativos em parceria institucional (escola, hospitais, centros de saúde), com vista a que o saber seja construído pelos estudantes através de um conhecimento experienciado e articulado, entre formação teórica e vivências práticas.

Parece-nos importante que as escolas façam uma reflexão sobre a imagem profissional que pretendem transmitir aos alunos. Propõe-se que a orientação para os cuidados continue a colocar a tónica no aspecto relacional e nas intervenções autónomas, contudo parece-nos também importante acompanhar os avanços tecnológicos, manter as competências técnicas actualizadas, afirmar a capacidade de funcionar nas equipas de saúde.

Bibliografia

- ABRIC, J.- C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: P.U.F..
- BARDIN, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

- BENAVENTE, A (1990). *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- BENTO, M^a C. (1997). Cuidados e formação em enfermagem, que identidade? Lisboa: Fim de Século.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- CANÁRIO, R. (1997). Formação e mudança no campo da saúde. In CANÁRIO (Org.), *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora.
- COLLIÈRE, M. F. (1989). *Promover a vida*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.
- DUBAR, C. (1991). *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Colin.
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (1993). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- GILLY, M. (1993). Les représentations sociales dans les champ éducatif in JODELET, *Les Représentation Sociales*, 3^a Edition. Paris : PUF.
- GUIMELLI, C. (1994). La fonction d' infirmière, pratiques et représentations sociales in ABRIC, *Pratiques sociales et représentations*. Paris : PUF.
- JODELET, D. (1993). Les représentations sociales: un domaine en expansion. In JODELET *Les représentations sociales*, 3^a Edition. Paris: PUF.
- LOPES, N. G. A. (1994) A recomposição dos saberes, ideologias e identidades de enfermagem. Estudo social em contexto hospitalar, Tese de Mestrado. Lisboa : ISCTE.
- MARTIN, C. (1991) - Soigner pour apprendre: acquérir un savoir infirmier. Paris: Editions LEP.
- MOSCOVICI, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris : PUF.
- MOSCOVICI, S. (1993). Des représentations collectives aux représentations sociales in JODELET, *Les Représentation Sociales*, 3^a Edition. Paris : PUF.
- SEMIN, G. (1993) – Prototypes et représentations sociales in JODELET, *Les représentations sociales*, 3^a Edição. Paris: PUF.
- VALA, J. (1986) Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum, *Cadernos de Ciências Sociais* (4), Abril pag. 5-30.
- VALA, J. (1993) Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social in VALA; MONTEIRO, - *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.